

98 é o inverso de 89

ALBERTO CARLOS ALMEIDA*

Estamos no período em que o debate eleitoral se intensifica: os eleitores começam a sedimentar suas escolhas, os analistas ficam mais ansiosos na esperança de prever o resultado eleitoral, e os candidatos se utilizam de todas as armas de campanha. Todavia, neste ano, há no ar um sentimento de que a disputa presidencial está apática. Não são poucos os políticos e jornalistas que chamam atenção para a "frieza" da campanha eleitoral, em particular da eleição para presidente da república. Considero que este diagnóstico está baseado em uma avaliação da eleição de 98, tendo como referência a eleição presidencial de 89. Isto causa a impressão de que a disputa de 98 é apática e fria. Correto, pois, 98 é o inverso de 89.

A eleição presidencial de 1998 apresenta várias características opostas às eleições presidenciais de 1989. Primeiro, recordemos o ano de 1989. Naquele ano o presidente Sarney — que foi eleito indiretamente e para o cargo de vice-presidente — administrava uma inflação que passou de 50% ao mês, tecnicamente uma hiperinflação. Consequentemente o poder de compra da população de baixa renda estava muito corroído, verdadeiramente aviltado, enquanto as aplicações financeiras financiavam fatia significativa dos gastos públicos, e também davam sobrevida às empresas ineficientes.

Do ponto de vista da legislação

eleitoral, 1989 foi também um ano ímpar: tratava-se de uma eleição solteira, isto é, apenas para presidente. Era a primeira eleição presidencial em 29 anos: um motivo fundamental para contaminar as ruas com empolgação, comícios, concentrações populares. Além disso, não havia o instituto da reeleição, e os candidatos favoritos eram todos, em função da impopularidade do governo, de oposição. Foi uma eleição do voto de oposição. O resultado foi uma situação de grande instabilidade política e econômica e, como consequência, de elevado grau de imprevisibilidade. Até Silvio Santos foi considerado uma opção eleitoralmente viável. Ao fim e ao cabo, ganhou Collor, um candidato oriundo de um estado com pequena importância política e eleitoral, e sem estrutura partidária.

Inflação — Em 1998 o presidente Fernando Henrique — eleito diretamente e para o cargo que ocupa — governa o país com uma inflação acumulada nos últimos 12 meses de 1,7%. O controle da inflação resultou em um significativo aumento do poder de consumo dos assalariados, particularmente os de renda mais baixa, asfixiou financeiramente o setor público, e obrigou as empresas a se modernizarem sob pena de não sobreviverem à nova situação competitiva. União, estados e municípios tiveram que buscar a disciplina financeira e, em função disto, adotaram medidas que, de um modo geral, contrariaram

os interesses do funcionalismo público. Muitas empresas, sem o auxílio da inflação, fecharam suas portas.

A eleição presidencial de 1998 não será solteira. O eleitor terá que votar cinco vezes: para presidente, senador, deputado federal, governador e deputado estadual. Isto confere organicidade ao pleito. É a terceira eleição presidencial nos últimos 12 anos, e a décima eleição desde 1982. Além disso, pela primeira vez na história há reeleição, ou seja, o eleitor terá a possibilidade de, caso esteja satisfeito com o governo, reconduzir ao cargo o mandatário maior da nação. Trata-se de uma eleição que exige estrutura partidária e densidade eleitoral, não por acaso FH e Lula são ambos de partidos fortes e de São Paulo. A situação atual é de estabilidade, mais previsível que em 1989, e não há, por isso, como tirar "coelhos da cartola".

Emoção — Em suma, em 1989 o país acabava de sair de um regime autoritário e era assolado por uma grave crise econômica, enquanto que em 1998 vive-se a normalidade e continuidade democrática e a economia foi colocada nos trilhos. O quadro eleitoral de 1989 apresentava, portanto, inúmeros motivos para que o eleitor fosse para a rua. Foi justamente o que aconteceu. Grandes massas foram mobilizadas em comícios, o debate eleitoral tomou conta da mídia, programas de governo se tornaram o principal assunto das rodas sociais, os debates na TV no segundo turno esva-

ziaram as ruas como acontece nos jogos do Brasil em Copa do Mundo, enfim, a eleição "incendiou" o país.

Inversamente, 1998 apresenta inúmeras razões para que o eleitor seja mais frio e comedido no debate político. Não há nada de excepcional nisto se compararmos esta eleição com eleições ocorridas em outros países do mundo, em uma situação de estabilidade econômica e continuidade democrática. Portanto, a excepcionalidade de 98 se deve tão somente à comparação com 89. De fato, se for assim, a eleição para presidente deste ano é fria e apática.

Chamo atenção para o fato de que a eleição deste ano tende a ser a regra, enquanto que a eleição de 1989 ficará registrada na história, muito provavelmente, como um pleito anormal. Tão anormal como foi o seu surpreendente resultado, e os desdobramentos da presidência Collor. Eleitores, políticos e jornalistas não devem esperar que a eleição presidencial deste ano seja apaixonada. Isto não significa que não haverá debates de programas de governo e plataformas políticas, ele já está ocorrendo. A diferença é que há um debate mais ponderado no qual, na ausência de crise econômica profunda, existe pouco espaço para soluções milagrosas e pouca margem de manobra para salvadores da pátria.

* Professor do Departamento de Ciência Política - UFF, autor do livro *Parlamentarismo, Presidencialismo e Crise Política no Brasil*, Editora da UFF, 1998.